

BRITO CAMACHO, Director

Editor — JOÃO DE MENEZES

PROPRIEDADE DA Empresa de Propaganda Democratica... Redacção, administração e typographia — R. Anchieta, s. 2.ª

Endereço telegraphico: ACTUL — Lisboa

A. FERREIRA, Administrador

Preços de assignatura

PAGAMENTO ADEANTADO... Lisboa — 1.º mez, 300 réis; 3 mezes, 900 rs.; 6 mezes, 1200 r...

ALUCTA GUERRA JUNQUEIRO A NOSSA BANDEIRA

Nos estandartes nacionaes ha dois elementos d'expressão: côres e emblemas.

As côres exercem em nós açoes distintas, de natureza diferente. A primeira é açao biologica, ou antes bio-quimica.



Guerra Junqueiro

que nos excita, nos apazigua ou nos deprime. A segunda açao é espirital, derivada da biologica, e que por esse motivo lhe corresponde.

Tudo o sentimento, devorador e unico, polarisa e crystallisa em si as nossas forças e vontades. E' mono-ideico. E a sua representação chromatica, tambem dominante e singular, enche a retina, como o estado d'alma que a gerou.

Mas esse mono-ideismo dura-doiro, essa unidade psichica tão forte e persistente raras vezes se encontram na vida humana habitual.

se não confunde. De modo que ha côres nacionaes, traduzindo biologica e psichicamente a idealidade dos povos.

Mas certas côres, que são em geral, as mais harmonicas para os nossos olhos e o nosso espirito, tornar-se-nos-hão odiosas e odiadas, vendo-as nascer n'uma bandeira filha do crime, que viveu na baixeza e acabou na des honra.

A alma da nação traduz-se na bandeira, mas a alma em festa, a alma ovante, clamando gloria, radiando esperança.

O genio portuguez, mavioso e affectuoso, sonhador e simples, é um hymno lirico matinal, cantado de joelhos e de mãos postas.

Olhando atravez d'um vidro azul ou escarlate, todos os objectos nos apparecem azues ou escarlates. Mas, se o vidro for branco, destacam-se um a um, nitidamente, na sua cor natural.

Se atravez d'um cristal bem rubro olharmos com demora, sentiremos uma exaltação visual immediata, que se transforma em exaltação ideologica equivalente.

O azul tranquillisava-nos, apazigua-nos. Da serenidade, bondade, graça ingenua, alegria candida. No ceu e no mar não tem limites...

O oiro radiante ofusca e deslumbra. E' gloria, victoria, triumpho, extase, apotheoze. Circundam-se d'oiro as frentes divinas dos Eleitos.

Estudemos a nossa bandeira na sua genese, na sua historia evolutiva. A bandeira de D. Henrique foi uma cruz azul em campo branco.

individual. Manteve a cruz, mas n'outra cor, em azul. Porque o azul exprimia a natureza meiga e affectuosa da raça lusitana, ou porque era essa uma das côres do seu escudo, o escudo da casa de Borgonha? Talvez, quem sabe, pelos dois motivos.

A bandeira de Affonso Henriques foi a mesma do pae. A datar de Sancho I, a cruz azul e unida fragmenta-se em cinco escudetes, com onze besantes brancos cada um.

E no topo dos mastros as flâmulas brabas, azues e vermelhas, ondejam e cantam, como línguas acesas de relampagos.

Mas junto d'esses pendões coruscantes, de gloria e de victoria, ergue-se ainda um pendão maritimo, todo de fundo azul celeste, com cinco luzas a sonhar...

Mas a segunda explicação é igualmente logica. Os cinco escudetes lembram as cinco chagas de Christo. Se os cinco escudetes desenhem a cruz, é natural que, numericamente, representem tambem as cinco chagas.

Como o Mestre d'Aviz era bastardo, em cada escudete das suas armas havia cinco besantes e não onze. Proclamado rei, guardou o mesmo numero de besantes no brasão, que continuou assim até aos nossos dias.

Com a conquista do Algarve, mo-dificou-se a nossa bandeira profundamente. Continúa no campo branco a cruz azul das cinco quinas, mas á volta, a orlar o estandarte, apparece n'uma ampla e soberba faixa de vermelho vivo sete castellos d'oiro coruscando.

Mas qual a razão directa da mudança? As armas do Algarve não eram de vermelho com castellos d'oiro. O Algarve não tinha escudo antes da conquista, em poder dos arabes.

primeiro e terceiro quartel o busto d'um rei branco e nos outros dois o busto d'um rei negro. A orla vermelha com sete castellos d'oiro tambem não foi apenas o simbolo da lucta e do estandarte da nação.

Os sete castellos d'oiro coruscando, de gloria e de victoria, ergue-se ainda um pendão maritimo, todo de fundo azul celeste, com cinco luzas a sonhar...

Quando a bandeira de Affonso Henriques foi a mesma do pae. A datar de Sancho I, a cruz azul e unida fragmenta-se em cinco escudetes, com onze besantes brancos cada um.

Mas junto d'esses pendões coruscantes, de gloria e de victoria, ergue-se ainda um pendão maritimo, todo de fundo azul celeste, com cinco luzas a sonhar...

Mas a segunda explicação é igualmente logica. Os cinco escudetes lembram as cinco chagas de Christo. Se os cinco escudetes desenhem a cruz, é natural que, numericamente, representem tambem as cinco chagas.

Como o Mestre d'Aviz era bastardo, em cada escudete das suas armas havia cinco besantes e não onze. Proclamado rei, guardou o mesmo numero de besantes no brasão, que continuou assim até aos nossos dias.

Com a conquista do Algarve, mo-dificou-se a nossa bandeira profundamente. Continúa no campo branco a cruz azul das cinco quinas, mas á volta, a orlar o estandarte, apparece n'uma ampla e soberba faixa de vermelho vivo sete castellos d'oiro coruscando.

Mas qual a razão directa da mudança? As armas do Algarve não eram de vermelho com castellos d'oiro. O Algarve não tinha escudo antes da conquista, em poder dos arabes.

primeiro e terceiro quartel o busto d'um rei branco e nos outros dois o busto d'um rei negro. A orla vermelha com sete castellos d'oiro tambem não foi apenas o simbolo da lucta e do estandarte da nação.

Porém, a Liberdade foi mais uma vez estrangulada pela dinastia, as côres da revolta não passaram da fita popular para o estandarte da nação.

Os sete castellos d'oiro coruscando, de gloria e de victoria, ergue-se ainda um pendão maritimo, todo de fundo azul celeste, com cinco luzas a sonhar...

Mas junto d'esses pendões coruscantes, de gloria e de victoria, ergue-se ainda um pendão maritimo, todo de fundo azul celeste, com cinco luzas a sonhar...

Mas a segunda explicação é igualmente logica. Os cinco escudetes lembram as cinco chagas de Christo. Se os cinco escudetes desenhem a cruz, é natural que, numericamente, representem tambem as cinco chagas.

Como o Mestre d'Aviz era bastardo, em cada escudete das suas armas havia cinco besantes e não onze. Proclamado rei, guardou o mesmo numero de besantes no brasão, que continuou assim até aos nossos dias.

Com a conquista do Algarve, mo-dificou-se a nossa bandeira profundamente. Continúa no campo branco a cruz azul das cinco quinas, mas á volta, a orlar o estandarte, apparece n'uma ampla e soberba faixa de vermelho vivo sete castellos d'oiro coruscando.

Mas qual a razão directa da mudança? As armas do Algarve não eram de vermelho com castellos d'oiro. O Algarve não tinha escudo antes da conquista, em poder dos arabes.

primeiro e terceiro quartel o busto d'um rei branco e nos outros dois o busto d'um rei negro. A orla vermelha com sete castellos d'oiro tambem não foi apenas o simbolo da lucta e do estandarte da nação.

ladeavam o estandarte vermelho e verde duas bandeiras azues e brancas. Este detalhe, na apparencia casual, mostra a diferença do espirito revolucionario em duas épocas.

Hontem, a alma da revolução ardida em esperança e crepitava louca em lavaredas. A bandeira radiante e verdejante incendiou-se, como ella, em madrugada de purpura. Verde e vermelha!

A cruz do calvario, a das cinco chagas essa não morre, é o abraço divino, é o abraço imortal. As chagas christãs não cicatrizam, são ulceras eternas, vertendo eternamente sobre a dôr humana eternas lagrimas de amor.

E, insulando á patria uma nova alma, deve dar-lhe o estandarte que a viu gerar? Os sete seculos da nossa historia não os dissolveu o esplendor esbraseado da manhã da Rotunda.

A alma da revolução cristalisou n'um sentimento: vencer ou morrer, a liberdade ou a morte! E os que respiram ainda o brazeiro da lucta, o ardor da victoria, não querem, não podem amar outro estandarte.

E' natural. Mas essa idealidade bellica e brilhante não lhes deixa sentir, nem avaliar os te-soiros de affectos e ternuras, de que descende o lirismo ingenuo, a graça maviosa e meiga do temperamento portuguez.

E d'esse fundo sonhador e candido, cheio de singeleza e suavidade, que se levanta nas horas rudes do nosso esforço de epoeia, como abeto de bronze erguendo-se titanico d'entre giestas e madresilvas e malmequeres.

E toda essa escala d'emoções e de sentimentos, que vae desde o gorgoeio de luar ceruleo da frauta pastoril ás rutilancias es-

tridentes da tuba epica, hão-de inscrever-se em musicas de genio roemol-o emfim de cinco estrolas em diadema dos cinco astros de luz vermelha e verde d'essa manhã de esperança e liberdade, d'essa manhã heroica da Rotunda.

Estudemol-a:

O campo azul e branco permanece indeleavel. E' o firmamento, o mar, o luar, o sonho dos nossos olhos, o extase eterno das nossas almas.

Os castellos continuam em pé, inabalaveis, d'oiro de gloria n'um fundo de sangue ardente e generoso. Exprimiram batalha, exprimiram conquista. Hoje converteram-se de reductos minasas em sentinellas calmas e vigilantes.

A cruz do calvario, a das cinco chagas essa não morre, é o abraço divino, é o abraço imortal. As chagas christãs não cicatrizam, são ulceras eternas, vertendo eternamente sobre a dôr humana eternas lagrimas de amor.

A corça do rei, corça de vergonhas, já o não envilece e o não deslustra. No brasão dos sete castellos e das quinas erga-se de novo, como vaso de luz, a esfera armilar da nossa gloria.

Religiosamente lembrará o passado, magnificamente anunciará o porvir. Cantando as descobertas chiméricas, indicará o futuro distante nas terras virgens d'alem-mar.

A alma da revolução cristalisou n'um sentimento: vencer ou morrer, a liberdade ou a morte! E os que respiram ainda o brazeiro da lucta, o ardor da victoria, não querem, não podem amar outro estandarte.

E' natural. Mas essa idealidade bellica e brilhante não lhes deixa sentir, nem avaliar os te-soiros de affectos e ternuras, de que descende o lirismo ingenuo, a graça maviosa e meiga do temperamento portuguez.

E d'esse fundo sonhador e candido, cheio de singeleza e suavidade, que se levanta nas horas rudes do nosso esforço de epoeia, como abeto de bronze erguendo-se titanico d'entre giestas e madresilvas e malmequeres.

E toda essa escala d'emoções e de sentimentos, que vae desde o gorgoeio de luar ceruleo da frauta pastoril ás rutilancias es-

E o simbolo augusto do nosso genio ardente e aventureiro roemol-o emfim de cinco estrolas em diadema dos cinco astros de luz vermelha e verde d'essa manhã de esperança e liberdade, d'essa manhã heroica da Rotunda.

Porto, 14 de novembro de 1910.

GUERRA JUNQUEIRO.

P. S.—O escudo sobre a esfera armilar, conforme o projecto publicado, é, além de inesthetico, historicamente inaceitavel.

A cruz da ordem de Christo tambem para mim é um simbolo morto. E' cruz de conquistadores, cruz de batalha, cruz de virgindade, cruz de violencia.

Terminando o meu estudo, agradeço ao sr. Santos Ferreira, erudito bibliotecario da Escola Naval alguns esclarecimentos historicos que me prestou.

G. J.

G. J.

(\*) O nobre Pedro 5.º viveu como um rei, passou como um relampago.